

Moção B - Juventude do BE em Lisboa: 100% à Esquerda

1- A crise social, má notícia para os jovens

O Bloco de Esquerda surgiu quando ainda era hegemónico o pensamento do “fim da história”, que apresentava o capitalismo como o estágio final da evolução das sociedades.

Hoje, com uma crise económica que destrói emprego, leva países à bancarrota e lança para a miséria e para a mais completa desprotecção social milhões de pessoas em todo o mundo, o Bloco tem mais força e potencial para continuar a crítica à dominação do capital e esboçar um projecto de alternativa socialista.

As bases do chamado “Estado Providência” – Segurança Social, Contratos Colectivos, Saúde e Educação Públicas e Gratuitas –, que em Portugal os trabalhadores conquistaram depois das lutas de 1974/75, foram (e continuam a ser) minadas pela ganância dos especuladores, banqueiros e grandes empresários apoiados nos partidos do sistema - PS/PSD/CDS.

O resultado está à vista: taxa de desemprego de 9,2% e a aumentar, 900 000 pessoas a recibos verdes, saúde cada vez pior, ensino com menor qualidade e com propinas exorbitantes. Portugal é um país endividado, com um aparelho produtivo raquítico, imagem bem diferente dos ares de pseudo-modernidade com que o Governo Sócrates tenta esconder a pobreza real do nosso quotidiano.

E se pensarmos no mundo que nos rodeia, com os seus mil milhões de famintos, os 11 milhões de crianças que morrem todos os anos por doenças facilmente tratáveis, as guerras por petróleo, a destruição avassaladora dos recursos naturais, sabemos que o sistema que nos (des)governa não é só injusto, é bárbaro e merece um combate à altura.

Só cerca de 15% da juventude acede ao Ensino Superior, apenas metade conclui os estudos e, como não existe emprego na área de formação, para muitos o fruto de tantos anos de investimento e sacrifícios é o *call center*, o emprego precário, sem direitos e mal pago, os recibos verdes ou o desemprego. Quando nos dizem que a nossa geração vai ser a primeira desde há décadas a viver pior que os seus pais, num ambiente do “salve-se quem puder” e do mais feroz individualismo, aprendemos na pele que o capitalismo é um sistema decadente que degrada as nossas vidas.

Mas, por todo o planeta, milhões de activistas organizam-se e lutam para mudar este mundo e dar a devida “vassourada” a esta elite económica e financeira. Milhões de mulheres e homens anónimos começam a procurar uma alternativa. Como reflexo deste descontentamento generalizado, pela primeira vez em Portugal uma força da esquerda alternativa e radical consegue obter mais de meio milhão de votos, ficar à frente do Partido Comunista e eleger 16 deputados.

Apesar de ser importante ter voz na Assembleia da República, sabemos que é impossível revolucionar a sociedade com base no parlamentarismo e no reformismo. O decisivo numa esquerda que queira contar para transformar a vida de milhões é o seu enraizamento e capacidade de acção nas empresas, nas escolas, nos bairros e nas ruas. Num cenário político onde é cada vez mais evidente a necessidade de uma união das esquerdas que construa uma alternativa implacável ao governo, é preciso fazer um balanço sobre o que tem sido feito para melhor podermos fazer.

2- Olhar para trás, fazer o futuro

A principal contradição do BE tem sido o desfasamento entre a sua capacidade de intervenção pública, mediática e parlamentar e a incapacidade de ganhar raízes no mundo do trabalho, nas escolas e nos movimentos sociais. É esta falha que explica o nosso fraco resultado nas eleições autárquicas, onde a ausência de trabalho de base nos deixou à mercê da lógica da bipolarização e da pressão do «voto útil». A juventude do BE não pode ficar atrelada a “Acordos de Lisboa” que nos enfraquecem no combate necessário ao lado das populações contra Sócrates e Costa.

É visível que faltam aos e às jovens bloquistas de Lisboa maior número de Assembleias (desejo manifestado quase unanimemente na última Assembleia), que falta participação e é necessário mais -discussão política para formarmos mais militantes e activistas sociais. É preciso que nós, jovens do Bloco, sejamos incentivada(o)s e nos proponhamos a um activismo que ultrapasse a mera colagem de cartazes, mas que sejamos capazes nós própria(o)s de marcar a agenda das ideias e dos conteúdos que queremos levar à juventude do distrito. A Coordenadora tem de reunir mais frequentemente, decidir políticas e ter real capacidade de intervenção.

É preciso inverter este ciclo de desconhecimento da base do que se discute e faz “lá em cima”. É urgente organizar para agitar.

A Coordenadora deve ser um organismo virado para fora: deve dirigir-se para ajudar a construir colectivos nas empresas e nas escolas, deve impulsionar a criação de grupos de discussão e acção temáticos.

Para virar a página e termos uma Coordenadora Distrital mais forte e actuante, propomos:

- **Assembleias Distritais regulares e amplamente convocadas para discutir política e planear a intervenção;**
- **Prestar contas do trabalho efectuado através de um Boletim da Coordenadora;**
- **Apoiar os núcleos e colectivos existentes e ajudar a impulsionar novos;**
- **Organizar cursos de formação para que a militância possa (e se sinta incentivada a) intervir/discutir.**

3- Na luta todos os dias

Continuarmos com uma lógica parlamentar com algum défice democrático interno ou apostarmos num BE que seja o principal obreiro de uma esquerda grande alicerçada no trabalho, na juventude e nos movimentos sociais é também uma escolha que fazemos nestas eleições.

É necessário um BE mais democrático, mais militante e mais combativo, no país e em Lisboa. Um BE com mais Assembleias, com mais política, onde a juventude organiza a sua acção política e aprende a ser mais combativa contra um capitalismo que nos quer a pagar a sua crise. Um BE virado para as ruas, para as escolas, para os locais de trabalho, com a sua juventude (estudante ou trabalhadora) ao lado de todos e todas aquelas que dizem basta! às injustiças que os patrões e os governos lhes oferecem como inevitáveis.

Conscientes das dificuldades, mas seguros de que são ultrapassáveis com outra metodologia, definimos claramente quatro eixos de intervenção prioritários:

• Ensino Superior

O Processo de Bolonha e o RJIES vieram acentuar o processo de privatização do Ensino Superior. O conhecimento é cada vez mais uma mercadoria que se compra e vende. As dificuldades para obter um “canudo” são maiores com o aumento das propinas e várias taxas de secretaria. Ser trabalhador(a) estudante é quase uma missão impossível, pois existem menos horários pós-laborais e os nossos direitos não são reconhecidos pelos patrões. Os bancos vendem aos estudantes um crédito para suportarem as despesas. Mas quando as novas gerações de estudantes se virem no desemprego ou na precariedade como vão poder pagar esses generosos empréstimos?

Acreditamos que só a energia do BE poderá ajudar a mudar este panorama. Mas para isso precisamos apoiar a criação de colectivos nas faculdades (não instrumentalizando, mas sim dinamizando) com estudantes de todas as cores que queiram agitar as águas e organizar a luta nas universidades.

Precisamos de mais espaços de discussão onde possamos debater, planear e executar acções. Devemos incentivar a nossa militância a estar nestes núcleos, formá-la politicamente para que seja cada vez maior e melhor, devemos levar figuras públicas do BE às nossas Faculdades para vencer o preconceito anti-partidos, fazer destes locais um ponto frequente de panfletagens e de comunicação do Bloco com o meio estudantil lisboeta.

Sempre que possível, devemos juntar forças com as lutas de professora(e)s e funcionária(o)s e também com os movimentos de trabalhadora(e)s do país.

Deve ser feita uma Plataforma de Estudantes do Ensino Superior que una todos estes colectivos. Deve existir um esforço para que estes colectivos concorram às estruturas de organização estudantil (Associações de Estudantes, Núcleos, etc...) e que para isso, no que for possível, tenham apoio do BE.

- **Ensino Secundário**

Com um Ensino cada vez mais oprimido, (j)aulas de substituição e um *Estatuto do Aluno* que levou milhares e milhares de jovens para as ruas contra o Governo Sócrates, é necessário que o BE se envolva cada vez mais neste sector. Precisamos estar cada vez mais perto de um movimento que deve ser construído com espaços de discussão ampla (desde o preço dos manuais escolares até à ocupação da Palestina), com a abertura necessária para preparar futura(o)s activistas, mas dando sempre primazia à autonomia dos e das jovens do secundário para a dinamização das lutas. As campanhas políticas no secundário são uma necessidade constante para aumentar ainda mais a consciencialização da juventude, que já demonstrou ser muito combativa.

Da mesma maneira que o Ministério da Educação nos ataca em conjunto, também nós devemos procurar juntar-nos à luta de professores e auxiliares de educação (sem nunca perder a nossa autonomia!) para que o combate conjunto seja mais forte e com mais possibilidades de vitória.

- **Trabalho e Precariedade**

Condenada a uma vida em casa dos pais, ao desemprego ou a salários de miséria, à juventude resta o caminho da luta. Nós, jovens do BE, devemos organizar nos locais de trabalho - dos *call centers* aos hospitais, passando por todas as empresas que nos querem sem direitos laborais, resignada(o)s e a pedir para não sermos despedida(o)s. Este papel do BE deve ser aberto e frontal, sem medo de rótulos e para os vencer. No distrito de Lisboa devemos formar núcleos por locais de trabalho, para que a discussão política nos núcleos seja o ponto de partida para uma luta concreta, da qual faremos parte e que deve mudar aquilo que nos afecta realmente. Este trabalho de construção estrutural e estruturante será mais ou menos longo, mas sabemos que não existem atalhos para se ganhar influência social.

Adquire, neste campo, especial relevância o *MayDay*, movimento de precária(o)s que, com a sua parada e actividades, ajudou a colocar no centro do debate político a questão da precariedade. A actividade da(o)s jovens do BE no *MayDay* deve ser feita de forma aberta, para estabelecermos uma rede de contactos que nos permitirá crescer e para dar mais força a uma geração que não se quer conformar à vida cinzenta que o capital lhe quer pintar. Mas é preciso mais do que um só dia de luta e festa contra o capital. É necessário partir do trabalho quotidiano sistemático para darmos orgânica a um movimento social autónomo de emancipação no mundo do trabalho.

Onde for possível devemos pertencer ao sindicato. Dinamizar alternativas e combater as suas direcções, que na maior parte das vezes são traidoras. Onde isso não for possível, o BE deve dar todo o apoio a formação de núcleos que editem boletins, onde se divulguem os ataques a quem trabalha e se construam alternativas de luta.

- **Contra todas as formas de opressão**

No nosso país, como em todo o mundo, a mulher trabalhadora continua a ser o sector mais vulnerável à exploração capitalista. Em Portugal têm salários, em média, 25% inferiores aos dos homens. A isto acresce uma moral social imbuída de valores retrógrados que continua a oprimir uma grande parte da classe trabalhadora, que faz com que sejam as mulheres as que mais sofrem com a crise, vendo a sua vida destruída quando são despedidas. A nova lei da IVG é uma grande vitória para as mulheres, mas as jovens mães adolescentes continuam sem apoio e a dupla jornada de trabalho é uma realidade dolorosa.

A juventude dos bairros populares da grande Lisboa, muitas vezes negra, é constantemente alvo de violência policial, marginalizada e discriminada pelo sistema. Nestes bairros, a taxa de desemprego é muito maior do que na juventude em geral e o acesso ao emprego é ainda mais dificultado. No início deste ano, a manifestação na Amadora contra a morte do jovem Kuku mostrou a capacidade de luta da juventude destes bairros.

O Pacto Sarkozy e a Directiva da Vergonha promovem e intensificam o neo-colonialismo e a escravatura moderna, criando uma falsa imagem de paz e justiça social. Defendemos a legalização imediata dos cerca de 50 mil imigrantes indocumentados e direito de voto em todos os actos eleitorais para toda(o)s a(o)s imigrantes.

A comunidade LGBT continua a sofrer discriminações várias, nomeadamente no acesso ao emprego, casamento civil, direito à adopção e saúde. As grandes marchas LGBT de 2009 em Lisboa e no Porto demonstraram a necessidade de lutar e reivindicar até à vitória.

Estas formas de opressão só servem o propósito de explorar ainda mais quem trabalha, por isso compete aos jovens do Bloco ajudarem a impulsionar estes movimentos sociais, numa perspectiva anti-sistémica, unindo todas as causas e lutas num objectivo comum inscrito no código genético do Bloco: a luta pela emancipação social, o objectivo socialista.

4. Uma distrital de jovens mais combativa

Assim, propomos uma distrital mais militante e democrática. Queremo-nos organizar para estar nas escolas, faculdades e locais de trabalho de uma forma regular e dinâmica. Somos inequivocamente a favor de iniciativas como o Acampamento de Jovens do Bloco, que nos preparam melhor para as duras batalhas a travar. Só um Bloco mais virado para as lutas e melhor organizado pode construir-se como um partido exemplar para quem luta e, assim, conseguir mais simpatizantes, mais aderentes, mais militantes.

Só desta forma o BE pode ser visto como a alternativa de esquerda socialista e democrática que será a ferramenta de luta que impedirá que as crises capitalistas sejam pagas, em grande parte, pela juventude.

Para todas as lutas, uma Juventude do BE em Lisboa, 100% à Esquerda.

Lista candidata à Coordenadora Distrital de Jovens de Lisboa

Pedro Varela
Flávio Mocho
Filipa Roque
Vera Franco
Flávio Ferreira
Ricardo Oliveira
Marta Luz
André Catarino
Amandine da Fonseca

Representante na Comissão Eleitoral

Délio Figueiredo

Subscritores da Moção “Juventude do BE em Lisboa: 100% à Esquerda”

Pedro Varela	Diogo Bento	Miguel Inocêncio
Diana Curado	Flávio Mocho	Marta Luz
Tiago Castelhana	Filipa Roque	André Catarino
Délio Figueiredo	Manuel Neves	Sofia Rajado
Flávia Polido	Vera Franco	André Traça
Vasco Basílio	Flávio Ferreira	Jorge Fontes
Amandine da Fonseca	Ricardo Oliveira [Ricky]	